vinetur

França eleva previsão da vindima de Occitanie para 11,07 milhões de hectolitros

A chuva do final de agosto melhorou os rendimentos em Languedoc-Roussillon, compensando as ondas de calor e a seca numa das maiores regiões produtoras de França

terça-feira, 10 de novembro de 2026



França reviu em alta, na terça-feira, 10 de novembro, as previsões para a vindima de 2026 no sul de Occitanie, depois de a chuva do final de agosto ter melhorado os rendimentos numa das maiores zonas produtoras do país, apesar de as vinhas de toda

a região terem enfrentado repetidas ondas de calor e uma seca cada vez mais intensa durante grande parte do verão.

Num relatório publicado na terça-feira, 10 de novembro, a DRAAF Occitanie, a delegação regional do Ministério da Agricultura francês, indicou que a produção total na bacia de Languedoc-Roussillon está agora estimada em 11,07 milhões de hectolitros em 2026. Trata-se de uma revisão significativa face ao mês anterior e de um valor 25,0% superior ao da fraca vindima de 2025. A previsão para a zona do Sudoeste situada em Occitanie também foi revista em alta, para 1,93 milhões de hectolitros, mais 11,6% do que em 2025.

Para a região de Occitanie no seu conjunto, a agência prevê que a vindima aumente 18% face a 2025, apesar de uma redução de mais de 6.000 hectares na área de vinha em produção, equivalente a uma quebra de 2,8%. A produção regional deverá ficar ligeiramente acima da média dos últimos cinco anos, em 1,5%, com rendimentos próximos dos registados na campanha de 2022.

Os números constituem um sinal importante para o comércio de vinho, uma vez que Languedoc-Roussillon é uma fonte relevante de vinho para os mercados de marcas e a granel. Uma colheita maior poderá alterar as expectativas de oferta das adegas, dos comerciantes e de outras empresas de bebidas que gerem existências ou compram vinho em grandes quantidades, embora a vindima nacional continue relativamente fraca em termos históricos.

A DRAAF Occitanie afirmou que o ciclo vegetativo começou em condições favoráveis. As chuvas de inverno e do início da primavera repuseram as reservas de humidade do solo, e a ausência de geadas significativas permitiu que o abrolhamento decorresse bem em toda a região. O cenário mudou no final de maio, quando uma vaga de calor invulgarmente precoce fez subir as temperaturas acima dos 95 graus Fahrenheit, ou 35 graus Celsius, em algumas vinhas. Entre o final de junho e o início de setembro, sucederam-se quatro episódios distintos de ondas de calor, enquanto a secura dos solos se intensificava semana após semana.

Segundo o relatório regional, a precipitação na segunda metade de agosto ajudou a limitar os danos provocados pela seca e pelo calor extremo, levando as autoridades a rever em alta a estimativa dos rendimentos. Ainda assim, a agência alertou que o panorama geral da região ocultava possíveis diferenças acentuadas entre vinhas. Referiu que as condições locais, incluindo o acesso à rega, a ocorrência de trovoadas isoladas e a capacidade dos solos para reter água, poderiam originar grandes variações que a estimativa global não contempla.

Os dados por departamento na bacia de Languedoc-Roussillon indicavam Hérault como o maior contributo, com 4,71 milhões de hectolitros, seguido de Aude, com 3,29 milhões, Gard, com 2,63 milhões, e Pyrénées-Orientales, com 0,43 milhões.

A revisão em alta de Occitanie contribuiu também para um aumento mais amplo da previsão nacional de França. Numa estimativa mensal separada, divulgada na segunda-feira, 9 de novembro, pela Reuters e publicada pela ESM Magazine, o Ministério da Agricultura francês fixou a produção total de vinho de 2026 em 36,7 milhões de hectolitros, acima dos 34,9 milhões de hectolitros previstos em outubro. Esta nova estimativa colocaria a produção acima da vindima de 2025, que o ministério descreveu como a mais fraca do século, mas ainda 10% abaixo da média de 2021-2025.

A Reuters indicou que o ministério atribuiu a revisão nacional sobretudo a rendimentos superiores ao esperado em Languedoc-Roussillon e Charentes, que, em conjunto, representam cerca de metade da produção de vinho francesa, bem como a melhores perspetivas em Champagne e no Sudeste. França continua a ser o segundo maior produtor de vinho do mundo, depois de Itália.

Mesmo com a previsão mais elevada, a produção nacional continua limitada pela redução da área de vinha e pelos danos causados pelas condições meteorológicas em várias regiões. O serviço de estatística do ministério, Agreste, afirmou que a área de vinha diminuiu devido a um plano de redução, enquanto o calor e a seca de verão fizeram baixar os rendimentos, sobretudo nas regiões vitícolas do norte.

A pressão não foi igual em toda a França. A Reuters noticiou que a produção de Champagne deverá ainda cair 38% face a 2025, na sequência de geadas, granizo, seca e ondas de calor no verão. A previsão para a produção de Bourgogne-Beaujolais aponta

para uma queda de 22%, enquanto a produção do Loire deverá recuar 7%. Em Bordeaux, prevê-se um aumento de 10% face a 2025, mas a produção deverá continuar 11% abaixo da média dos últimos cinco anos, em parte devido ao arranque de vinhas.

O contraste com Languedoc-Roussillon foi uma das alterações mais claras nos dados de novembro. A Reuters referiu que, na estimativa de outubro, o Ministério da Agricultura previa apenas um aumento de 2% na região, antes de as condições do final do verão sustentarem uma revisão em alta muito mais acentuada. Isto significa que uma das regiões vitícolas mais importantes de França está a contrariar um contexto nacional ainda marcado por uma colheita historicamente pequena, pela redução da área de vinha e pelo impacto crescente dos fenómenos meteorológicos extremos nos rendimentos.